

“A villa está situada da mesma margem direita, e lançada por um córrego acima entre morros; tem só oito casas de telha, entre as quais é a melhor a que foi do general Rodrigo César; as mais são anda de capim, mas com serem assim se não vendiam quando cheguei, por mais pequenas que fosse, por menos de 400 ou 500 oitavas cada uma, e as que tinham mais alguns comodos chegavam a 700.”

As Notícias Práticas das Minas do Cuiabá, de João Antonio Cabral Camelo, testemunha uma época na qual Cuiabá iniciava sua vida do ciclo de ouro.

Em sua análise arquitetônica, Júlio De Lamônica Freire, autor da dissertação de Mestrado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo “Por Uma Política Popular da Arquitetura”, observa: “Os primeiros ranchos erguiam-se sem qualquer preocupação urbanística. Procuravam localizar-se nas cercanias das lavras, aproveitando os espaços livres das encostas escavadas pela garimpagem do ouro. Ruas e ruelas serpenteavam pelo terreno, ajustando-se a ele, ao longo do curso d’água.”

E continua: “Do ponto de vista da produção do espaço urbano, o resultado é expressão do Barroco, tanto nos primeiros esboços do desenho urbano, quanto na arquitetura. O Pelourinho, a Matriz, as igrejas do Rosário e Senhor dos Passos apresentam os primeiros pontos de tensão em torno dos quais a vila se estrutura e organiza. No Largo do Pelourinho ergue-se o Palácio dos Capitães Gerais. Em frente à Matriz, e ao lado, definem-se dois grandes espaços que mais tarde irão se transformar em praça. Entre a igreja do Senhor dos Passos e a Matriz, paralelamente ao Prainha, abrem-se as primeiras ruas. Surgem os primeiros Largos e as primeiras transversais.” Do largo da Matriz, em direção ao Porto Geral, desenha-se a rua Bella do Juiz (atual 13 de Junho), a mais elegante e onde se localizavam então as construções mais nobres. Do lado esquerdo do Prainha, no cimo do morro, próximo à igreja do Rosário, começaram a surgir as primeiras casas, permitindo mais tarde o seurgimento de novas ruas.

Pólos de atração

O arquiteto destaca, nesse período, dois pólos de atração na vila: o da mina do Rosário e o do Porto Geral, que permitia, através do rio Cuiabá, a ligação da vila com o restante da Colônia.

O primeiro aglomerado de casas margeia o rio Cuiabá, nas proximidades da desembocadura do Prainha, em função do comércio monçoneiro, no Porto Geral. Por razões de segurança, destaca De Lamônica, as casas são construídas próximas umas das outras.

A arquitetura das primeiras casas segue o padrão paulista do século XVIII. O padrão de arquitetura bandeirista assume em Cuiabá algumas características particulares, semelhantes às registradas em Vila Boa de Goiás. As casas são implantadas sobre o alinhamento das ruas e limites laterais do terreno, umas coladas às outras.

No primeiro período - atenta Júlio - o pé-direito é baixo, as fachadas estreitas reproduzindo um único padrão, o que confere uma certa monotonia à paisagem das ruas. Telhados de duas águas, com caídas para a rua e para o quintal, avermelhavam ao sol, chamando a atenção dos viajantes para o seu colorido brilhante, decorrente da qualidade do barro utilizado na fabricação de telhas.

O padrão das aberturas das casas dessa época caracterizava-se como estreito e pequeno. Os alicerces eram de pedra cristal e os baldrames, largos e altos, eram construídos em pedra canga. As paredes eram de pau-a-pique, taipa socada (taipa de pilão) ou adobe. Os limites posteriores dos lotes de cada casa nem sempre eram demarcados. As casas mais sofisticadas tinham seus lotes cercados por muros de taipa socada. Os materiais empregados eram terra, pedregulho e, quase sempre, óleo de peixe.

O casarão colonial mais importante, conservado através da descrição do historiador Rubens de Mendonça, construído em 1726, no Largo do Sebo, tinha três faces, baixo, com quatro janelas de frente e três portais, sendo a entrada principal por degraus de pedra canga.

Sedimentação Administrativa (1820-1968)

Foi o ciclo da ação do poder público, em termos de iniciativa de edificações de grande porte e incorporação de elementos, que imprimem maior requinte às fachadas e aos espaços construídos.

Com a mudança da capital de Vila Bela para Cuiabá, a cidade ganha a função de sede do governo provincial.

Reprodução Foto Chau



A demolição da Matriz: momento marcante da descaracterização dos traços arquitetônicos originais de Cuiabá

Na poesia arquitetônica, retrato de uma história

Nesse novo período, destaca Júlio, os espaços construídos são os espaços do ouro, como a economia era ainda a economia do ouro. O ativo comércio pelo rio Cuiabá tinha também no ouro o seu motivo principal e seu mais valioso bem de troca. A agricultura e a pecuária se desenvolviam em função da demanda do ouro. Depois do ouro, os cofres públicos são os mais importantes responsáveis pela dinamização do comércio, na medida em que o grande número de funcionários públicos constituía um segmento significativo de consumidores de produtos externos.

Essa camada dominante - mineiros, fazendeiros, elite de funcionários e comerciantes - constrói os sobrados e as grandes residências térreas que modificam a fisionomia da cidade. A camada pobre, com suas choupanas, casas de palha e paredes de taipa, vai constituindo novos espaços para a vila, ampliando-lhe o sítio, refazendo-lhe o desenho a cada progressão urbana conquistada.

O traçado urbano ganha contornos mais nítidos e o repertório arquitetônico se enriquece e diversifica com a construção de edifícios públicos no Largo do Palácio, no Largo da Matriz e no caminho do Porto Geral.

Resgate da Memória Arquitetônica

O Palácio do Governo era um edifício térreo, do final do século XVIII. Com a reforma passou a ter seis janelas em arco com guarda-corpo de grade de ferro batido, porta não centralizada também em arco, com bandeiras de madeira e vidro. As três janelas centrais, separada das outras por pilastras caneladas encimadas por capitéis que se repetiam nas extremidades do edifício, eram coroadas por frontão que se destacava levemente da platibanda. Portas e janelas eram marcadas por singelas molduras, que, com as cornijas, definiam e caracterizavam com dignidade

O arquiteto cuiabano Júlio De Lamônica Freire, ao decidir o tema de sua tese de mestrado, na ECA/USP, permitiu que saltasse do fundo de sua alma o ponto mais sensível: o grande amor que devota à Cuiabá, terra onde nasceu. Debruçou então sobre o aspecto da cidade, não só naquilo que ainda está de pé, mas em alguns casarões que desapareceram por descuido ou diminuta valorização dos homens. Assim, o poeta/arquiteto perambulou por ruas, avenidas, becos. Invadiu o passado para apreciar, lembrar e contemplar a arquitetura, design de uma terra construída na época dos farscadores de ouro.

De seus olhos irradiaram projeções sobre a cidade. Onde os olhos alcançaram, ele esmiuçou. Na sua dissertação intitulada "Por Uma Poética Popular da Arquitetura" onde analisa a arquitetura popular dos moradores do CPA I, como se fosse uma poesia, ele vai esgarçando o tecido e das ruas das paredes dos casarões antigos. E precisa compreender para além do tempo como uma cidade distante dos pólos culturais e artísticos conseguiu levantar adobe por adobe, habilmente preparado com argila crua das barrancas dos rios Cuiabá e Coxipó, secados ao sol dos nossos trópicos, à qual ainda misturavam palha para resistirem mais à ação do tempo. A custa de esforços e incertezas, a Cuiabá colonial conseguiu atravessar os séculos, para entrar no pódo, como Ayrton Senna deste século, vizinho do Terceiro Milênio, com a aparência arquitetônica um tanto judiada, mas deixando sobrar alguma coisa. Há dignidade na cara da cidade que sobreviveu.

a fisionomia externa da construção.

Tesouraria da Fazenda - ficava do lado esquerdo do Palácio, onde funcionavam diversas repartições: "Sala de Sessões da Junta da Fazenda Pública; Contadoria da mesma Junta; Vedoria da Gente de Guerra; Intendência dos Armazens, Caza da Fundação de Ouro; Caza da Moeda; Caza da Administração do Correio." Era um edifício de porão alto, com uma porta central ladeada por quatro janelas em arco, bandeiras de metal e vidro, vidraças, platibanda vazada, constituída de pequenas pilastras. A abertura central, que além da bandeira ainda ostentava fina grade de ferro batido entre esta e a porta, era bastante alta, adornada e fortemente marcada por duas meia-colunas encimadas por capitéis. Embora bastante alto, o edifício tinha sua horizontalidade marcada, na parte superior, pela cornija que unia visualmente a platibanda ao resto da fachada e, na parte inferior, por relevo com o mesmo desenho da cornija que marcava externamente os limites do porão com o piso. Na parte da fachada correspondente ao porão, havia seis olhos-de-boi fechados com grades de ferro, destinados à iluminação e aeração dessa parte do edifício.

Com a mudança da Capital da Província para Cuiabá, os edifícios mais representativos da cidade passa-

ram por reformas, com a finalidade de emprestar-lhes maior elegância e dignidade compatível com a importância da nova função urbana.

Alterações

A Matriz do Bom Jesus sofre alterações com a substituição da torre lateral, em forma de pirâmide, por uma outra construída em 1868. Toda a fachada passa por uma modernização.

Também a igreja de Nosso Senhor dos Passos teve sua fachada ornamentada com cornijas, cordões, grades, frontão decorado com o Braço do bispo e torre lateral quadrangular.

A Santa Casa foi remodelada e ampliada.

Dois características começam então a se definir como parâmetros estéticos: pé direito mais alto e elementos singelos de decoração da fachada.

No Largo do Palácio, além dos edifícios já descritos, foram construídos dois sobrados, o da Intendência e do Barão de Diamantino.

A Intendência, situada em frente ao Palácio, ocupava um sobrado cuja parte térrea tinha uma porta central com três janelas de cada lado, aberturas em arco com bandeiras e janelas

de madeira e vidro, contrastavam com as janelas do pavimento superior, de desenho retangular. As três janelas centrais desse pavimento eram abertas desde o piso e tinham guarda-corpo de ferro batido; as outras que as ladeavam, duas a duas, eram fechadas nos seus terços inferiores, decorados por relevo singelo que se repetia na parte superior de cada janela e completados por cornijas. Quatro pilastras encimadas por capitéis marcavam este pavimento externamente: duas nas extremidades e outras separando as três janelas centrais das outras aberturas. Cortando todo o edifício longitudinalmente, um relevo semelhante à cornija delimitava os pavimentos superior e inferior. Duas ordens de cornijas e platibanda construídas com pequenas "pilastras" coroavam o sobrado que, construído em 1810, passou por reformas, sendo ampliado em 1887, e totalmente descaracterizado nesse século XX, quando foi demolido todo o seu pavimento superior.

Do Quartel existente no Largo da Matriz ficou apenas a reprodução num quadro de João Hidalgo "Missa Campal", existente no Museu Histórico de Mato Grosso. Era uma construção térrea, com larga entrada principal ladeada por duas janelas, encimada por frontão ligeiramente avançado em relação à platibanda. A entrada principal não era centralizada no corpo do edifício e se localizava mais para o lado da Matriz, provavelmente para se localizar no largo, em virtude da existência do edifício do Theozouro na esquina à sua frente. A parte superior da porta principal e das janelas eram decoradas por cornijas que também faziam a ligação da platibanda com o resto da fachada. Esta se complementava com quatro pilastras encimadas por capitéis: duas delas "apoiavam" o frontão. Inúmeras janelas proviam o Quartel de iluminação e aeração. No início deste século, demolido, o Quartel deu lugar ao Palácio da Instrução.

Theozouro: localizado numa das esquinas do largo; em frente ao Quartel. Construção de planta quadrada, do final do século XIX, a fachada principal é marcada por uma porta centralizada, alta, com três janelas de cada lado, franqueada por duas meia-colunas que apoiam o frontão. Este tem na sua composição vários elementos e forma a platibanda, constituída de pequenas "pilastras" nas partes vazadas e decorada com relevo singelo nas faixas cegas. Porta e janelas

terminam em arco com bandeira de vidro. As janelas são duplas: as folhas externas são envidraçadas e as internas, de madeira. Duas ordens de cornija promovem a ligação da platibanda com o resto da fachada. Ao longo dos anos, este edifício teve vários usos, nele hoje funcionando a Turimat.

Sobrados Centrais

Ao longo do século XIX, na rua de Baixo havia 5 sobrados, na rua do Meio, dois; na de Cima, três. Além desses, havia outros na rua Bella do Juiz, na rua do Oratório, no largo e na rua da Matriz, próximo à igreja do Rosário e na Freguesia de São Gonçalo de Pedro II (Porto). Alguns deles desabaram com o tempo, sob o peso dos anos e maus tratos, mas outros continuaram resistindo. Alguns bem conservados e outros degradados pelos diversos e inadequados usos.

O Arsenal

O Arsenal de Guerra, situado no largo do mesmo nome, foi criado por D. João VI, em 1818, com o nome de Trem de Guerra, e teve sua construção iniciada já no ano seguinte, sendo concluído em 1849, com os varandões que fecham os seus flancos. É um grande edifício de planta quadrada, com pátio central cercado por varandas alpendradas, ocupando inteiramente a quadra onde se localiza. A fachada principal é marcada por imponente entrada que avança sobre o largo, com seis fortes colunas caneladas. O frontão é composto por duas frisas adornadas por cornijas, quatro figuras representando soldados, armas e brasões. O portão principal que é também a entrada da sala do guarda-guarda, é um grande arco com bandeira e grade taçada, em fino ferro batido. Em arco também eram as janelas da parte superior dessa entrada, que ruíu e nunca mais foi reconstruída. Inúmeras janelas de desenho retangular provêm iluminação e ventilação ao interior do edifício que mantém, ainda hoje, o seu ar solene, como um os marcos na história da cidade.

A Cadeia Pública, construída entre 1858 e 1862, em frente ao Arsenal e hoje dele separada pelo estádio Presidente Dutra, ocupa grande parte da quadra onde se localiza. Planta retangular, em forma de U, é um edifício despojado tendo como ornamentos pilastras que apoiam e marcam a entrada e cornija que aparece logo abaixo do beiral, em toda a extensão da fachada. Com a construção da nova cadeia, o prédio foi restaurado, sendo ocupado atualmente pelo Centro de Recuperação físico-motora da Fundação de Promoção Social.

Materiais Básicos

Dos arredores da cidade vinham os materiais básicos das construções cuiabanas. O madeirame da estrutura e do telhado resultava do aproveitamento de madeiras locais: sucupira, aroeira e cedro. As soleiras eram geralmente de sucupira; os portais, de pinha; as portas e janelas, de angelim; os soalhos, ximbuva, jacituba, moireira, tajuba ou peroba.

A pedra canga, material largamente utilizado nas construções, existia em abundância em formações próximas da cidade.

A taipa socada foi muito usada durante todo o século XIX, sendo substituída gradativamente pelo adobe. Asolarias próximas a Cuiabá produziam as telhas e os ladrilhos necessários para construção, desde as mais ricas às mais simples.

Segundo D. Alincourt, o material de construção mais difícil era o cal. "O único e bem construído forno de cal que tem a Província pertence à Fazenda Pública, e existe junto ao Forte de Coimbra".

Algumas ruas receberam calçamento de pedras cristal. Em 1891 inaugurou-se a linha de bonde de tração animal, da Cia Progresso Cuiabano, ligando o centro da cidade ao Porto.

Nesse momento, consolidam-se a tradição de algumas práticas populares de decoração de interiores e exteriores. O artesanato, sobretudo, torna-se uma tradição elaborada de grande vitalidade.

A cerâmica utilitária desenvolveu-se com grande apuro, localizando-se ao longo das margens do rio de baixo, resistindo até hoje como principal atividade econômica do povoado de São Gonçalo.

A fiação e tecelagem tiveram nas telas a sua maior especialização.



Praça da República, fotografada na virada do século XX



O arsenal foi construído com verba de D. João VI em 1818



Janela (portada) de quinquena com vidro